

Educação em Enfermagem no estado de Sergipe: Análise do estágio curricular supervisionado

Tais Azevedo dos Santos

Marcio Lemos

Viviane Silva Rocha

Resumo

Objetivo: Analisar o processo de formação em Enfermagem, com ênfase no Estágio Curricular Supervisionado à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais. **Materiais e métodos:** Estudo de caráter exploratório e abordagem quantitativa a partir da aplicação de questionários com discentes de uma Instituição de Ensino Superior do Estado referente às principais competências e habilidades desenvolvidas pelos mesmos nas práticas deste estágio, bem como sua percepção quanto ao processo educativo vivenciado. **Resultados:** Identificou-se que o Estágio Curricular Supervisionado contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento das competências preconizadas pelas Diretrizes Curriculares. Na percepção dos discentes, as 6 competências centrais a serem desenvolvidas durante o estágio contribuíram para prepará-los para o exercício profissional: Atenção à Saúde (98%); Tomada de Decisões (93%); Comunicação (92%); Gestão (90,20%); Educação Permanente (87,40%) e Liderança (86,30%). Em relação à aptidão para o desenvolvimento destas competências no mundo do trabalho, identificou-se que 33% se consideram muito apto para a competência de comunicação, 78,6% consideram-se aptos para a competência Atenção à Saúde e 20,6% reconhecem-se pouco aptos para a competência da Gestão. Nenhuma competência ultrapassou 2% de discentes que se consideram não aptos para o exercício da mesma. **Conclusões:** Tais elementos podem contribuir para definição de políticas e programas de fortalecimento das políticas educacionais voltadas para o sistema de saúde vigente, contribuindo assim para a conformação de um perfil profissional condizente com as demandas sociais.

Palavras-chave: educação em enfermagem; educação baseada em competências; competência profissional; estágios.

Nursing education in the state of Sergipe: Analysis of the supervised curricular internship

Abstract

Objective: Analyze the nursing education process, with emphasis on the Supervised Curricular Internship in the light of the National Curriculum Guidelines. **Materials and methods:** An exploratory study and a quantitative approach based on the application of questionnaires with students from a State Higher Education Institution regarding the main competences and skills developed by them in the practices of this internship, as well as their perception of the educational process experienced. **Results:** It was identified that the Supervised Curricular Internship contributed significantly to the development of the competencies recommended by the Curricular Guidelines. In the students' perception, the 6

Recebido: 30/07/2022 Aprovado: 04/08/2022

core competencies to be developed during the internship contributed to prepare them for professional practice: Health Care (98%); Decision Making (93%); Communication (92%); Management (90.20%); Permanent Education (87.40%) and Leadership (86.30%). Regarding the aptitude for the development of these skills in the world of work, it was identified that 33% consider themselves very apt for the communication competence, 78.6% consider themselves apt for the Health Care competence and 20.6% recognize themselves if not fit for the competence of Management. No competence exceeded 2% of students who consider themselves unfit to exercise the same. **Conclusions:** Such elements can contribute to the definition of policies and programs to strengthen educational policies aimed at the current health system, thus contributing to the formation of a professional profile consistent with social demands.

Keywords: nursing education; competency based education; professional competence.

INTRODUÇÃO

A formação de profissionais no âmbito da saúde continua sendo um processo crítico no Brasil. A partir da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), foram diagnosticados diversos problemas que refletem até hoje no processo de formação dos trabalhadores em saúde (COUTINHO, 2012). Desde 1988, vêm sendo discutido qual seria o perfil profissional compatível com a realidade do país, destacando que o processo de formação em saúde deveria ser pautado na construção de competências e habilidades voltadas para as necessidades do sistema de saúde. No entanto, tais discussões não se traduziram em mudanças concretas dentro do setor da saúde (WINTER *et al.*, 2016).

Nesse sentido, a mudança no paradigma da saúde no Brasil evidenciou a necessidade de transformação no perfil dos trabalhadores em saúde, por meio da criação de estratégias e implementação de ações que articulassem de forma efetiva os setores da educação e saúde. No país, a área da educação em enfermagem vem passando por inúmeras transformações na tentativa de contri-

buir para formação de um perfil adequado às necessidades de saúde da população e referendado na produção de conhecimentos inovadores e de utilidade para a sociedade.

No âmbito acadêmico, o debate sobre a estruturação curricular dos cursos vem crescendo a cada ano, pela necessidade evidenciada da produção de projetos que privilegiem a formação dos profissionais de saúde, entre outras áreas da educação. Ao longo dos anos, nota-se que o perfil do egresso vem sendo desenhado, para garantir a formação de profissionais com experiências, e que adquiram habilidades essenciais na graduação para serem executadas no mercado de trabalho. E essa movimentação por melhoria gerou a organização dos cursos, o que culminou na elaboração das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) (CECCIM *et al.*, 2004).

A nova proposta trazida pela atualização das DCN apresentou esperança de melhorias de fato eficientes na formação dos profissionais de saúde. O projeto educativo que extrapola a educação para além do domínio técnico-científico da profissão, que antes era o alicerce do curso de enfermagem, que se molda nos aspectos estruturantes por

práticas mais comprometidas e resolutivas. As metodologias ativas tomaram espaço, objetivando uma formação de com perfil crítico e reflexivo, e o acadêmico torna-se então protagonista do saber, sendo o mesmo capaz de “aprender a aprender”, e gerando a ampliação e diversificação dos cenários de aprendizagem (BRASIL, 2001).

Estudos, após a aprovação das DCN, apontam que o objetivo das mudanças seria o de obter um padrão de qualidade compatível com as exigências do mundo contemporâneo e com o desenvolvimento científico, tecnológico e inovador da área, incorporando os avanços pedagógicos. Tais desafios envolveriam também propiciar aos discentes a capacidade de “aprender a aprender”, de trabalhar em equipe e de comunicar-se (AMÂNCIO FILHO, 2004). Envolveria o desenvolvimento de atividades com grau de relevância, com características interdisciplinares, visando sempre a capacidade de contribuir para a solução de problemas nacionais e para a formação de indivíduos criativos, críticos, empreendedores e, sobretudo, cidadãos comprometidos com a ética da causa pública.

A formação do enfermeiro para o mercado de trabalho não pode ser marcada somente por aspectos teóricos, sendo fundamental que o mesmo, enquanto discente, conheça seu espaço de atuação e experimente os fundamentos da prática profissional (LIMA *et al.*, 2014). Tal reflexão encontra respaldo na Resolução CNE/CES n.º 3, de 2001, que estabelece a inclusão de forma obrigatória, na grade curricular dos cursos de graduação em Enfermagem, o Estágio Curricular Supervisionado (ECS) nos dois últimos períodos do

curso. O intuito do mesmo seria o de contribuir com a expansão do conhecimento do discente e o desenvolvimento de competências, como autonomia, liderança e comunicação efetiva (BRASIL, 2001).

Trata-se de uma modalidade de ensino relativamente nova nos cursos da saúde, implantada oficialmente na graduação em Enfermagem por meio da Resolução n.º 3/2001 das Diretrizes Curriculares Nacionais (CONDE *et al.*, 2014). O ECS é, portanto, um instrumento importante e necessário para formação dos profissionais de Enfermagem, no qual desenvolvem habilidades profissionais e aperfeiçoam as técnicas e procedimentos realizados constantemente no exercício da profissão. O período de experiência em campo tem como função consolidar o aprendizado teórico/prático para formar profissionais cada vez mais capacitados e preparados para enfrentar o mercado de trabalho (DIAS *et al.*, 2014).

No sentido de atender as exigências legais e contribuir com sua missão social, os cursos de graduação em enfermagem vem passando por inovações metodológicas e pela busca de novos cenários de práticas que permitam transformar as relações de ensino-aprendizagem. Por outro lado, a expansão acentuada do ensino superior na área da enfermagem e as assertivas constitucionais sobre o perfil de egresso e as competências essenciais para a mesma exige que sejam produzidas evidências científicas relacionadas à qualidade desta oferta.

Analisar elementos fundantes do ECS pode ser útil para o planejamento e ordenamento da formação dos enfermeiros em Ser-

gipe e no Brasil, contribuindo para definição de políticas e programas de fortalecimento das políticas públicas de saúde, uma vez que o estágio supervisionado é uma ferramenta de aproximação entre a academia e os serviços, possibilitando emprego de conhecimentos, competências e atitudes profissionais apreendidos pelo estudante (ESTEVES, 2010).

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada através de um estudo de caráter exploratório e abordagem quantitativa no intuito de analisar o processo de formação em enfermagem, com ênfase no estágio curricular supervisionado, sendo que a abordagem quantitativa permitiu mensurar de forma objetiva alguns elementos relevantes da análise (DEMO, 2013).

O cenário da pesquisa foi uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada do estado de Sergipe, sendo ela considerada referência para o curso de enfermagem, destacando-se pela sua infraestrutura, instalações modernas e alto nível de qualificação do corpo docente. Os sujeitos da pesquisa foram 110 discentes matriculados no 10º período, dos turnos manhã/tarde e tarde/noite, que cursaram no mínimo 60% (564 horas) da carga total do estágio. O momento empírico da pesquisa contemplou a aplicação do questionário, contendo questões sobre as principais competências e habilidades desenvolvidas pelos discentes.

O questionário foi elaborado a partir do instrumento utilizado no estudo de Esteves

(ESTEVES, 2010) que teve como objetivo identificar as principais competências e habilidades desenvolvidas pelos discentes no ECS em uma IES. Os dados coletados foram organizados em planilhas, tabulados via programa *Microsoft Excel®*, analisados por meio de estatística descritiva utilizando-se o *software SPSS* versão 23. Após tratamento do material foram organizados os resultados e realizadas inferências e interpretações a partir de evidências científicas.

O referido estudo foi aprovado no Comitê de Ética de Pesquisa (CAE: 96017718.3.0000.5371), conforme recomenda a resolução n.º 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Destaca-se que o perfil dos participantes que responderam aos questionários, quanto ao sexo, é de predominância feminina (85,4%), confirmando que a Enfermagem continua sendo uma profissão desempenhada majoritariamente por mulheres (VALADARES *et al.*, 2014). Os discentes em sua maioria concluíram o ensino médio em instituições de ensino privadas (56,6%) e no decorrer da graduação apresentaram um percentual baixo de participação em atividades como monitoria (17,5%) e estágio extracurricular (29,1%), tendo maior envolvimento em projetos de extensão (39,8%). Quanto à idade, a faixa etária predominante corresponde ao grupo de 20 a 24 anos (61,4%), seguida do grupo de 24 a 29 anos (27,7%).

O ECS e o desenvolvimento de habilidades por competências

O ECS permite ao discente a oportunidade de se autodescobrir como enfermeiro e ampliar as oportunidades de desenvolvimento e aperfeiçoamento de competências essenciais para o seu processo de formação. De acordo com as DCN, para os cursos de graduação em Enfermagem são 6 competências centrais a serem desenvolvidas durante o curso: Atenção à Saúde; Tomada de Decisões; Comunicação; Liderança; Gestão; e Educação Permanente.

Atenção à Saúde

Esta competência pode ser definida como a organização estratégica do sistema e da assistência de saúde em resposta às necessidades reais da população. Se faz presente em políticas, programas e movimentos de serviços à saúde em consonância com os princípios e diretrizes do SUS. O termo atenção à saúde instiga projetos no campo da assistência à saúde, dentro de processos culturais, históricos e políticos, para que as ações e serviços tornem-se de fato objetos e objetivos atingíveis por todos que os executam

Tabela 1 – Frequência de habilidades desenvolvidas no ECS da competência Atenção à Saúde.

Competência/ Atenção à Saúde Habilidades	Muita Frequência	Frequência	Pouca Frequência	Não Realizou
Prevenção de doenças	37,9	45,6	14,6	1,9
Promoção à saúde	53,4	33,0	13,6	-
Reabilitação à saúde	26,7	34,7	32,7	5,9
Ações em vários serviços da rede de saúde	16,5	35,9	33,0	14,6
Ações em âmbito individual	34,0	45,6	19,4	1,0
Ações em âmbito coletivo	25,5	45,1	26,5	2,9
Atividades de caráter técnico	38,8	42,7	12,6	5,8
Atividades de caráter reflexivo	30,1	35,9	25,2	8,7
Conhecimento do perfil do usuário	34,3	48,0	14,7	2,9

Fonte: autoria própria (2022).

(BAPTISTA, 2005). Segundo as diretrizes, o enfermeiro, no exercício de sua profissão, deve estar apto e capacitado a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação à saúde, em nível individual e/ou coletivo e, desta forma, ser capaz de pensar criticamente, analisar e propor mudanças no serviço (BRASIL, 2001).

Identificou-se que 98% dos discentes afirmaram que o ECS colaborou de forma satisfatória para o desenvolvimento da competência *Atenção à Saúde*. Quando questionados com relação à frequência da execução de algumas ações/habilidades relacionadas à mesma, identificou-se que “*promoção à saúde*” (53,4%) e “*conhecimento do perfil do usuário*” (48,0%) foram as mais frequentes conforme observado na tabela 1. O maior percentual de ações com baixa frequência diz

respeito à habilidade “*ações em vários serviços da rede de saúde*”, com 33,0%. Somando-se esta informação aos dados dos que não realizaram ações em diferentes cenários de práticas o resultado chega a 47,6% dos discentes.

Destaca-se, contudo, que não basta ampliar os cenários de aprendizagem para que a formação se oriente para uma perspectiva que supere o modelo vigente. Existem dificuldades importantes no estabelecimento de projetos comuns entre universidades e serviços de saúde (PIMENTEL, 2015).

Tomada de decisões

O trabalho do enfermeiro deve estar fundamentado na competência de tomar decisões visando o uso apropriado, eficácia

Tabela 2 – Frequência de habilidades desenvolvidas no ECS da competência Tomada de decisões.

Competência/Tomada de decisões Habilidades	Muita Frequência	Frequência	Pouca Frequência	Não Realizou
Avaliações e decisões acerca de matérias, medicamentos, equipamentos e/ou ambiente	20,6	39,2	28,4	11,8
Avaliações e decisões acerca de procedimentos e práticas de Enfermagem	31,1	48,5	17,5	2,9
Busca de referências bibliográficas para avaliar situações e decidir condutas	24,3	35,9	30,1	9,7
Decisões individuais	19,4	37,9	36,9	5,8
Decisões discutidas	31,1	46,6	18,4	3,9

Fonte: autoria própria (2022).

e custo-efetividade, da força de trabalho, de materiais e insumos, de procedimentos e ato prático. Para obtenção dessa capacidade, os mesmos devem possuir competências e habilidades para avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas, norteadas por evidência científica (BRASIL,2001). A tomada de decisão é um processo essencial no cotidiano de trabalho do enfermeiro, no que se refere às ações de cuidado, de organização e gerenciamento (HAYASHIDA *et al.*, 2014).

Identificou-se que 93% dos discentes afirmaram que o ECS colaborou de forma satisfatória para o desenvolvimento da competência *Tomada de decisão*. Quando questionados com relação à frequência da execução de algumas ações/habilidades relacionadas à mesma, identificou-se que “*avalições e decisões acerca de procedimentos e práticas de Enfermagem*” (48,6%) e “*decisões discutidas*” (46,6%) foram as mais frequentes. As ações com baixa frequência dizem respeito à habilidade “*decisões individuais*” com 36,9% e não realizadas com 11,8% foi a de “*avalições e decisões acerca de matérias, medicamentos, equipamentos e/ou ambiente*”, como podem ser identificados no tabela 2.

Os profissionais de saúde devem estar fundamentados na capacidade de tomar decisões, visando a eficácia e custo-efetividade, a força de trabalho, de medicamentos, de equipamentos, de procedimentos e de práticas. Para a tomada de decisão é necessário o uso do pensamento crítico sobre as situações, com base em análises e julgamentos de cada proposta, de ação e de seu desenvolvimento (ITO; *et al.*, 2016).

Comunicação

A comunicação é importante para o desenvolvimento de coordenação de atividades grupais, a qual antecede o processo de liderança, proporcionando ao enfermeiro transferir, receber informações, conhecimentos, organizar seu serviço e explanar seus objetivos junto à sua equipe (BEJANARA *et al.*, 2013).

Segundo as diretrizes curriculares, os profissionais de enfermagem devem ser pessoas acessíveis e devem manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral. O ato de se comunicar envolve comunicação verbal, não-verbal e habilidades de escrita e leitura; o domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira e de tecnologias de comunicação e informação (BRASIL, 2001).

Identificou-se que 92% dos discentes afirmaram que o ECS colaborou de forma satisfatória para o desenvolvimento da competência *Comunicação*. Quando questionados com relação à frequência da execução de algumas ações/habilidades relacionadas à mesma, identificou-se que “*diálogo com a equipe de Enfermagem*” (53,4%) e “*conversas com familiares e amigos sobre os pacientes acompanhados*” (42,7%) foram as mais frequentes. O maior percentual de ações com baixa frequência diz respeito a habilidade “*leitura de textos, artigos ou outros materiais em língua estrangeira que pudessem embasar sua prática*” com 33,3%. Os dados citados podem ser identificados no tabela 3.

Cabe salientar que, com as novas

Tabela 3 – Frequência de habilidades desenvolvidas no ECS da competência

Competência/ Comunicação	Muita Frequência	Frequência	Pouca Frequência	Não Realizou
Habilidades				
Diálogo com a equipe de enfermagem	53,4	34,0	11,7	1,0
Diálogo com profissionais de saúde (não enfermeiros)	39,8	35,9	18,4	5,8
Escrita de documentos e relatórios	35,9	39,8	20,4	3,9
Leitura de textos, artigos ou outros materiais que pudessem embasar sua prática	37,3	33,3	23,5	5,9
Leitura de textos, artigos ou outros materiais em línguas estrangeiras que pudessem embasar sua prática	14,7	16,7	33,3	35,3
A utilização das tecnologias de comunicação e informação	35,9	38,8	21,4	3,9
Conversas com familiares e amigos sobre os pacientes acompanhados	35,0	42,7	14,6	7,8

Fonte: autoria própria (2022).

transformações no âmbito profissional da área da saúde, vêm sendo adotadas novas organizações curriculares e metodologias de ensino-aprendizagem, visando integrar teoria e prática, ensino e serviço, formar indivíduos reflexivos e criativos. Nesse contexto, é notória a importância do idioma inglês no Bacharelado em enfermagem devido aos novos perfis de competências nos sistemas de saúde

de nacional e internacional, sendo que a falta desse idioma futuramente poderá limitar as oportunidades desses profissionais no mercado de trabalho (BEJANARA *et al.*, 2013).

Liderança

No trabalho em equipe multiprofissional, os enfermeiros deverão estar aptos a assumir posições de liderança, sempre

Tabela 4 – Frequência de habilidades desenvolvidas no ECS da competência Liderança.

Competência/Liderança Habilidades	Muita Frequência	Frequência	Pouca Frequência	Não Realizou
Elaboração de novas propostas diante das situações clínicas dos pacientes	15,5	36,9	38,8	8,7
Elaboração de novas propostas diante dos problemas dos serviços de saúde	5,9	47,1	39,2	7,8
Condução de atividades em grupo	33,0	41,7	21,4	3,9
Mediação de conflitos entre participantes das atividades	15,5	28,2	35,0	21,4
Estudos dos processos e conceitos que envolvem a liderança	24,3	40,8	25,2	9,7

Fonte: autoria própria (2022).

tendo em vista o bem-estar da comunidade. A liderança envolve compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento de forma efetiva e eficaz (BRASIL, 2001).

Identificou-se que 86,30% dos discentes afirmaram que o ECS colaborou de forma satisfatória para o desenvolvimento da competência *Liderança*. Quando questionados com relação a frequência da execução de algumas ações/habilidades relacionadas à mesma, identificou-se que “*condução de atividades em grupo*” (33,0%) e “*elaboração de novas propostas diante dos problemas dos serviços de saúde*” (47,1%) foram as mais frequentes. O maior percentual de ações com baixa frequência diz respeito a habilidade

“*elaboração de novas propostas diante dos problemas dos serviços de saúde*” com 39,2% e “*mediação de conflitos entre participantes das atividades*” (21,4%) como ação não realizada. Esta última informação chama atenção, uma vez que os dados de baixa realização e não realização para mediação de conflitos alcança 56,4% dos discentes. Os dados citados podem ser identificados na tabela 4.

Estudos anteriores corroboram para a interpretação dos dados apresentados ao afirmar que o ato de liderar é algo inerente da profissão, mas que o processo de formação desses profissionais continua sendo pautado no aprimoramento técnico para execução de procedimentos (KNOP *et al.*, 2017).

Gestão

Os enfermeiros devem estar aptos a tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e administração tanto quanto dos recursos físicos e materiais, e de informação, da mesma maneira que devem ser capacitados a serem empreendedores, gestores, empregadores ou líderes de suas equipes (BRASIL, 2001). As competências gerenciais dos enfermeiros se dão através da formação na graduação e de forma contínua nos serviços uma vez que surgem novos padrões de gerência, decorrido das transformações ocorridas no mundo do trabalho (SADE *et al.*, 2014)

Identificou-se que 90,20% dos discentes afirmaram que o ECS colaborou de forma satisfatória para o desenvolvimento da competência gestão. Quando questionados com relação a frequência da execução de algumas ações/habilidades relacionadas a mesma, identificou-se que “*diagnósticos de situ-*

ações problemas” (47,7%) e “*plano de intervenção sobre problemas*” (40,2%) foram as mais frequentes. O maior percentual de ações com baixa frequência diz respeito à habilidade “*integração de ações sob minha responsabilidade com a de outras pessoas*” com 40,2% e como ação não realizada com 16,5% está o “*Mapeamento de materiais e equipe necessários para cada tipo de ação*”. Destaca-se que “*integração de ações sob minha responsabilidade com a de outras pessoas*” apresenta 52,9% de discentes somando-se baixa frequência e ação não realizada. Os dados citados podem ser identificados na tabela 5.

A gestão de Enfermagem engloba conhecimentos da administração, estrutura organizacional, metodologia de planejamento, manuais e administração dos recursos materiais.

Tabela 5 – Frequência de habilidades desenvolvidas no ECS da competência Gestão.

Competência/Gestão Habilidades	Muita Frequência	Frequência	Pouca Frequência	Não Realizou
Diagnósticos de situações problema	44,7	37,9	15,5	1,9
Plano de intervenção sobre problemas	37,3	40,2	20,6	2,0
Execução e avaliação de planos operacionais	17,5	35,9	39,8	6,8
Relatórios	40,6	37,6	14,9	6,9
Mapeamento de materiais e equipe necessários para cada tipo de ação	10,7	38,8	34,0	16,5
Integração de ações sob minha responsabilidade com a de outras pessoas	9,8	37,3	40,2	12,7

Fonte: autoria própria (2022).

Educação Permanente

O profissional enfermeiro deve aprender a aprender, ter responsabilidade e compromisso com a sua educação e o treinamento das futuras gerações de profissionais, proporcionando condições para que haja benefício mútuo entre futuros profissionais e os profissionais dos serviços. Desta forma, devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática (BRASIL, 2001).

Identificou-se que 87,40% dos discentes afirmaram que o ECS colaborou de forma satisfatória para o desenvolvimento da competência Educação Permanente. Quando questionados com relação a frequência da execução de algumas ações/habilidades relacionadas a mesma, identificou-se que “participação de rodas de conversa e debates sobre ações realizadas” e “levantamento

de material para melhor compreender as situações do dia a dia” (27,2% e 37,9%, respectivamente), foram as mais frequentes. O maior percentual de ações com baixa frequência diz respeito a habilidade “treinamento e desenvolvimento do pessoal de Enfermagem” com 39,8%, conforme pode ser observado na tabela 6.

A educação permanente tem servido como espaço para pensar e executar a formação e o desenvolvimento pessoal, profissional e das equipes de saúde, visando trabalhar elementos que conferem a integralidade da Atenção à Saúde. Constitui-se, portanto, em uma das alternativas de mudanças no espaço de trabalho (CHIODELLI; *et al.*, 2014). Por outro lado, a implantação de estratégias de educação permanente de forma rotineira nos espaços e processos de trabalho continua sendo um grande desafio.

Tabela 6 – Frequência de habilidades desenvolvidas no ECS da competência Educação permanente.

Competência/ Educação permanente	Muita Frequência	Frequência	Pouca Frequência	Não Realizou
Habilidades				
Levantamento de material para melhor compreender as situações do dia a dia	27,2	37,9	25,2	9,7
Treinamento e desenvolvimento do pessoal de Enfermagem	11,7	29,1	39,8	19,4
Participação e cursos durante o ECS	17,5	35,0	33,0	14,6
Participação e rodas de conversa e debates sobre as ações realizadas	27,2	34,0	33,0	5,8

Fonte: autoria própria (2022).

Aptidão para execução das competências

Os discentes foram questionados se sentiam aptos ou não ao exercício profissional em cada uma das competências contempladas nas DCN e desenvolvidas durante o ECS. Foi possível observar que, em todas as competências, o percentual de discentes aptos a desenvolverem estas competências foi acima de 60%, o que apresenta ainda mais relevância ao incluir nesta análise aqueles que se consideram muito aptos, sendo 78% dos discentes no mínimo se consideram aptos ou muito aptos em todas as competências para o exercício profissional da enfermagem. O percentual dos que se consideram nada aptos não ultrapassou 2% em nenhuma das competências. Por outro lado, a competência gestão, foi a que teve maior percentual de alunos (20,6%) que se consideraram pouco aptos a desenvolvê-la na prática profissional, como pode ser observado na tabela 7.

CONCLUSÃO

A finalidade do presente estudo foi identificar as principais competências e habilidades desenvolvidas pelos discentes na experiência do estágio curricular supervisionado, bem como a percepção dos mesmos quanto ao processo educativo vivenciado. Diante dos dados analisados, ficou evidente que a vivência no cenário pré-profissionalizante possibilitou aos discentes a oportunidade de autodescoberta como enfermeiro, por meio do desenvolvimento e aperfeiçoamento das competências e habilidades essenciais para o exercício de sua futura profissão.

Dessa forma, foi possível concluir que o ECS contribuiu de forma satisfatória para o processo de formação dos discentes que participaram do presente estudo. Destacase, entretanto, a necessidade, por parte das Instituições de Ensino Superior em Enferma-

Tabela 7 – Frequência de habilidades desenvolvidas no ECS.

Competências	Muito Apto	Apto	Pouco Apto	
Atenção à Saúde	14,6%	78,6%	6,8%	-
Tomada de Decisões	13,6%	68,0%	17,5%	1,0%
Comunicação	33,0%	61,2%	5,8%	-
Liderança	24,5%	61,8%	13,7%	-
Gestão	13,7%	64,7%	20,6%	1,0%
Educação Permanente	19,4%	63,1%	15,5%	1,9%

Fonte: Autoria própria (2022).

gem, da permanente implementação de novos métodos que estimulem de forma efetiva o desenvolvimento destas competências dada a dinâmica de modificação do processo de trabalho em saúde.

A expansão acentuada do ensino superior na área da enfermagem e as assertivas constitucionais sobre o perfil de egresso e as competências essenciais para a mesma exige que sejam produzidas evidências científicas relacionadas à qualidade desta oferta. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com o surgimento de rodas de conversas e debates a respeito da Educação em Enfermagem, e adequações nos planos pedagógicos das Instituições de Ensino Superior em saúde, para criação de currículos de graduação com maior interação entre ensino-serviço.



REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO-FILHO, A. Dilemas e desafios da formação profissional em saúde. **Interface Comum. Saúde Educ.**, v. 8, n. 15, p. 357-82, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832004000200019>.
- BAPTISTA, T. W. F. O direito à saúde no Brasil: sobre como chegamos ao sistema único de saúde e o que esperamos dele. *In*: EPSJV (Org.). **Textos de apoio em políticas de saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- BEJANARA, R. C; GONZÁLEZ, A. B; CRESPO, M. I. M; NAVARRO, D. M. Inglês no grau de enfermagem: um assunto pendente. **Rev Latino-Am Enfermagem**, v. 21, n. 8, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/yGR8gXQmbJ7KdZC66vPcLHS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 jul. 2020.
- BERGAMIM, M. D; PRADO, C. Problematização do trabalho em equipe em enfermagem: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 1, p. 134-7, jan./fev., 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/v6rhcFmZtgwVDsNJsRnGfFD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- BRASIL. Parecer CNE/CES n.º 1133, de 07 de agosto de 2001. Diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em enfermagem, medicina e nutrição. **Diário Oficial da União**, 03 out, 2001.
- CECCIM, R. B; FEUERWERKER, L. C. M. Mudança na graduação dos profissionais de saúde sob o eixo da integralidade. **Cad. Saúde Pública**, v. 20, n. 5, p.1400-10, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/hZLwpVCM8N4ySDF5BNkKcgD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- CHIODELLI, N; LENISE, M. P. A educação permanente no desenvolvimento de competências dos profissionais de enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 23, n. 2, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-070720140021600011>.
- CONDE, E. P; SÁ, F. J. R. A. O pedagógico na evolução histórica legal do estágio supervisionado. **Espaço Currículo**, v. 9, n. 2, p. 349-358, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/rec.v9i2.25666>. Acesso em: 10 mai. 2020.
- COUTINHO, M. L. Desafios da formação em saúde: a implantação das diretrizes curriculares nacionais. **Novas edições acadêmicas**, 2012.
- DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2013.
- DIAS, E. P; STUTZ, B. L; RESENDE, T. C. Expectativas de alunos de enfermagem frente ao primeiro estágio em instituições de saúde. **Rev. Psicopedagogia** v. 31, n. 94, p. 44-55, 2014. Disponível em: <https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/86/expectativas-de-alunos-de-enfermagem-frente-ao-primeiro-estagio-em-instituicoes-de-saude#:~:text=A%20inser%C3%A7%C3%A3o%20do%20aluno%20em,j%C3%A1%20tivera m%20a%20mesma%20experi%C3%Aancia>. Acesso em: 10 mai. 2020.

ESTEVES, L. S. F. **Estágio Curricular Supervisionado**: possíveis contribuições para o desenvolvimento de competências do profissional enfermeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista. Presidente Prudente, 2010.

HAYASHIDA, K. Y; BERNARDES, A; MAZIERO, V.G; GABRIEL, C.S. A tomada de decisão da equipe de enfermagem após revitalização do modelo compartilhado de gestão. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 286-93, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072014001190013>.

ITO, A. M. Y.; IVAMA, A. M.; NUNES, E. F. P. A. **Diretrizes gerais para a educação dos profissionais de saúde do século XXI**. Disponível em: <http://www.uel.br/ccs/olhomagico/N15/especial.html>. Acesso em: 20 abr. 2021.

KNOP, A. L. K; GAMA, B. M. B. M; SANHUDO, N. F. Acadêmicos de enfermagem e o desenvolvimento da liderança: desafios enfrentados no estágio curricular. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 7, e1378, 2017. DOI: <https://doi.org/10.19175/recom.v7i0.1378>.

LIMA, D.; PEREIRA, O. Contribuições do estágio supervisionado para a formação do profissional de enfermagem: expectativas e desafios. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 3, n. 2, p. 123-130, dez., 2014. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v3i2.391>

SADE, P. M. C; PERES, A. M; WOLFF, L. D. G. A formação das competências gerenciais do enfermeiro: revisão integrativa. **Rev. Enferm. UFPE**, v. 8, n. 6, p. 1739-1735. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/13649/16515>. Acesso em: 10 mai., 2020.

VALADARES, A. F. M; MAGRO, C. S. Opinião dos estudantes de enfermagem: sobre a simulação realística e o estágio curricular em cenário hospitalar. **Acta Paulista Enfermagem**. v. 27, n. 2, p.138-43. 2014. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3070/307031066009_2.pdf. Acesso em: 10 mai. 2020.

WINTER, J. R. F; PRADO, M. L; HEIDEMANN, I. V. S. B. A formação em enfermagem orientada aos princípios do sistema único de saúde: percepção dos formandos. **Esc Anna Nery**, v. 20, n. 2, p. 248-253, 2016. DOI: 10.5935/1414-8145.20160033.

